cmp 22.3.489

FOLHA DE S. PAULO
Sábado, 10 de setembro de 1977
Ilustrada

Paulo Emílio Salles Gomes

Ele foi uma extraordinária figura da cultura brasileira, um apaixonado defensor do nosso cinema

(17 / dezembro / 1916 — 9 / setembro/1977)

Vítima de um ataque cardíaco, faleceu ontem aos 60 anos de idade o crítico e ensaísta Paulo Emílio Salles Gomes, diretor da Fundação Cinemateca Brasileira e professor da cadeira de Cinema Brasileiro da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Paulo Emílio sentiu-se mal quando se achava no prédio da Secretaria Municipal de Cultura, no Pátio do Colégio, por volta das 14h30, foi socorrido e transportado imediatamente para o Pronto Socorro do Hospital do Servidor Público Estadual, onde faleceu uma hora depois. Seu corpo está sendo velado neste local por seus amigos, a maioria intelectuais de São Paulo, e será sepultado hoje, às 11 horas, no Cemitério da Consolação, saindo o féretro do Hospital do Servidor Público.

Diretor também do Centro Brasileiro de Arte, do Departamento de Informação e Documentação Artística da Secretaria Municipal de Cultura, Paulo Emílio era um dos mais lídimos representantes da vida cultural brasileira. Seu súbito desaparecimento golpeia profundamente toda a inteligência nacional e constitui uma perda irreparável.

Nascido em São Paulo a 17 de dezembro de 1916, filho do dr. Francisco de Salles Gomes e de dona Gilda Moreira de Salles Gomes, era casado com a romancista Lygia Fagundes Telles. Doutorou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 1944 e frequentou, em sua estada naEuropa durante os anos de 1938 e 1939, a "Ecole des Hautes Etudes Sociales et Internationales".

Posteriormente, novamente em Paris, fez cursos na Ecole des Hautes Etudes Cinématographiques, no Institut de Filmologie, na Cinémathéque Française, no Musée du Cinéma e, no College de França, os cursos do filósofo Merleau-Ponty.

Militante político de esquerda na juventude, Paulo Emílio, preso no presídio Maria Zélia nesta capital, em 1936, lá fundou e dirigiu o Teatro Popular Maria Zélia, iniciando assim uma extraordinariamente fecunda carreira de ação intelectual que prosseguiria sem descanso até a morte.

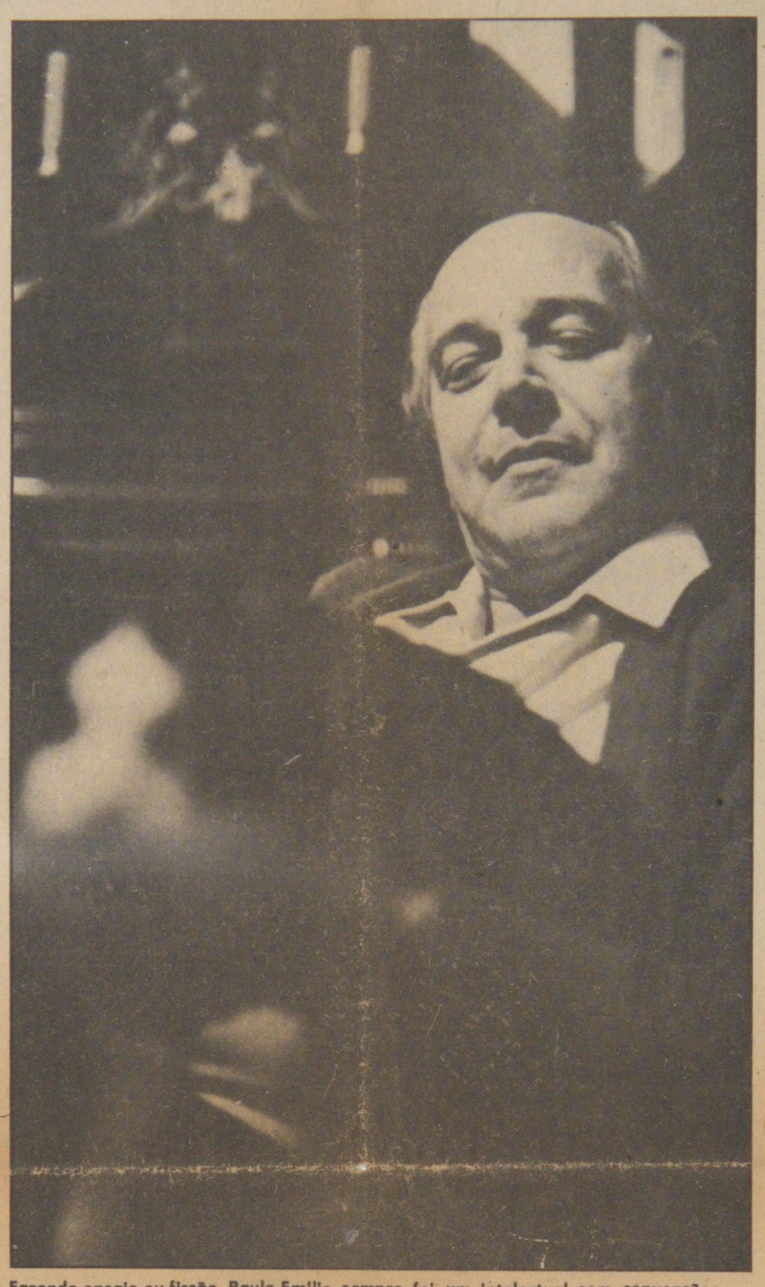
Na década de 40 participa ativamente do grupo que funda nesta capital a revista "Clima", na qual exerce, preferencialmente a crítica cinematográfica, campo de especialização em que se tornará autoridade de renome mundial. Concomitantemente à função de crítico jornalístico, ingressa no magistério superior na Universidade de São Paulo, havendo, por breve interregno, exercido na Universidade de Brasília a função de professor associado do Instituto Central de Artes e a de responsável pelo Setor de Cinema. Diretor da Filmoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1954, Salles Gomes, fundando em 1956, a Cinemateca Brasileira, tornase o conservador dessa entidade à qual daria, ininterruptamente e em meio a toda sorte de adversidades, o melhor de sua inteligência e de seus esforços.

Membro da Comissão de Cinema do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho de Orientação do Museu da Imagem e do Som, participante de um sem número de júris de premiação cinematográfica e de simpósios e mesas-redondas sobre Cinema no país e no exterior, o grande intelectual paulista desenvolveu em todas as circunstâncias decisiva ação em favor da arte cinematográfica brasileira, da qual sempre foi um dos mais destacados e fervorosos defensores.

Roteirista de cinema, colaborador em publicações especializadas no país e no exterior, Paulo Emílio Salles Gomes conta em sua bibliografia com obras de excepcional importância entre as quais o livro "Jean Vigo" (Edition du Seuil, Paris, 1957) ganhador do Prix Armand Tallier e com versão norte-americana editada pela "University of California Press" em 1972 e versão inglesa publicada por "Secker and Warburg" naquele mesmo ano. Em 1974 lança o monumental estudo "Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte", que constitui não só magistral análise do cineasta mineiro mas também representa contribuição de grande importância para a compreensão da cultura nacional.

Além desses livros de sua especialidade, Paulo Emílio publicou este ano, "Três Mulheres de Três PPPês", obra de ficção saudada pela crítica como um dos grandes lançamentos do ano. Entre sua contribuição à crítica cinematográfica devem destacar-se os estudos sobre S.M.Eisenstein, Federico Fellini, D.W.Griffith, Orson Welles, Vittorio de Sicca, Jean Renoir, Ingmar Bergman, Georges Méliès, o Cinema Expressionista Alemão, o Cinema de Horror e a Problemática do Cinema Brasileiro.

"Officier dans l'Ordre des Palmes Académiques", por decreto do Primeiro Ministro da França em 5 de dezembro de 1960, Paulo Emílio Salles Gomes desde 1964 era "Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres". Ameaçado de ser demitido da Universidade de São Paulo, por motivos políticos, em 1975, recebeu na ocasião, calorosa homenagem dos intelectuais e artistas de São Paulo e do Rio que, reunidos no Clube dos Artistas e Amigos da Arte testemunharam ao grande companheiro sua solidariedade.



Fazendo ensaio ou ficção, Paulo Emílio sempre foi um intelectual sem convenções, ou compromissos com o ranço cultural.

Paulo segundo seus amigos

Os depoimentos de alguns amigos de Paulo Emílio Salles Gomes, dados ontem à tarde logo depois da sua morte, traçam o perfil de uma pessoa generosa e inteligente.

Sábato Magaldi, secretário de Cultura do Município:

"Considero um dos maiores motivos de orgulho pessoal que Paulo Emílio Salles Gomes tenha querido, embora por tão pouco tempo, colaborar com minha gestão como secretário, assumindo a direção do Centro Brasileiro de Arte do Departamento de Informação e Documentação Artística da Secretaria Municipal de Cultura. Considerei-o a pessoa a mais indicada para esse cargo, exatamente pela ampla cultura que possuía como homem do cinema, da literatura, espírito interessado em todos os problemas do conhecimento. Essa admiração vem de longa data, muito antes mesmo de sermos colegas, colaborando semanalmente durante muitos anos no Suplemento Literário do "Estado", ele escrevendo sobre cinema e eu sobre teatro. É autor de alguns livros fundamentais na bibliografia cinematográfica, o "Jean Vigo", originalmente publicado em francês e depois traduzido para o inglês e o ensaio sobre Humberto Mauro, trabalho amplíssimo, que não se limita à obra do cineasta de Cataguazes, mas é um verdadeiro painel cultural. Além disso é autor de uma obra de ficção admirável, "Três Mulheres de Três PPPês". A ação cultural que desenvolveu, não só como conservador da Cinemateca, mas também como orientador de pesquisas e como professor só equivale em importância à sua produção como crítico cinematográfico, talvez o mais completo que já possuímos".

Maria Eugênia Franco, diretora geral do IDART: "Paulo Emílio Salles Gomes foi uma personalidade única e, por isso mesmo, insubstituível. Tinha uma vocação rara para a liderança cultural. Foi amigo e professor de todos, mesmo os de sua geração, a qual começou a ensinar a ver e compreender cinema".

"Todos nós e depois outras gerações aprendemos com ele. Como meu colaborador no Centro de Pesquisas de Arte Brasileira do Departamento de Informação e Documentação Artística, da Prefeitura de São Paulo, sua atuação foi a de uma presença catalisadora e estimulante".

"Pela sua grande experiência como pesquisador e professor, dava ao Centro de Pesquisas uma estabilidade muito importante, muito essencial".

Rudá Andrade, diretor do MIS (Museu da Imagem e do Som): "Paulo Emílio foi uma das pessoas mais generosas que conheci e que recebeu muito pouco na vida em troca desta generosidade. Mas deve ter morrido tranquilo com o que ele deixou para todo o mundo".

Radhá Abramo, crítica de arte: "É muito difícil encontrar alguém que tenha uma formação tão abrangente, um tão sólido conhecimento e o sentido de contemporaneidade que Paulo Emílio possuía.

"Ele, que morou muitos anos em Paris, onde era conhecido e respeitado, representou o papel da inteligência brasileira fora do Brasil. Paulo Emílio tinha o poder de aglutinar pessoas e era quem encaminhava os estudantes brasileiros que chegavam a Paris. Orientou três gerações mas nunca exerceu dirigismo de espécie alguma.

"Quando voltou ao Brasil, dedicou-se ao cinema brasileiro. Foi muito ligado à aprendizagem de cinema no Brasil e desempenhou um papel muito importante na Faculdade de Letras, mais como professor de cinema e orientador. Todas as pessoas que criaram vários empreendimentos ligados ao cinema, como cinematecas, por exemplo, receberam o seu mais vivo incentivo".

"Nos últimos anos ele era um homem muito magoado. Cheio de discriação e pudor, não gostava de falar de si. Parece que ele não concordava com certas coisas. A mágoa dele refletiu na sua forma de comportamento".

Opiniões de um homem do cinema

Para quem fez importantes estudos sobre os cineastas Jean Vigo e Humberto Mauro, diversos ensaios pioneiros sobre o cinema brasileiro, e ainda foi um dos fundadores da Cinemateca Brasileira, Paulo Emílio Salles Gomes merecia um cuidado melhor por parte de editores de livros, jornais e revistas. Sua biografia não se encontra em nenhuma das grandes enciclopédias, e são bastante raras as suas entrevistas.

Recentemente, este jornal tentou extrair de Paulo Emílio um longo depoimento sobre sua vida e obra, sobre o homem e o profissional. Mas ele recusou-se a concedê-la, como habitualmente fazia. Abaixo estão resumidas algumas de suas opiniões.

SOBRE A OBRA DE JEAN VIGO:

"Se François Truffaut recebeu de "Zéro de Conduite" a triste poesia, o que Lindsay Anderson bebe no mesmo filme é a feroz alegria. Estou curioso por saber o sentido das citações de Jean Vigo que se encontram em "O último tango". "Quanto aos nossos cineastas, nunca lhes foi oferecida a oportunidade de conhecer bem Jean Vigo e não creio que isso lhes faça falta". (Folha, 5/3/73).

Sobre seu interesse, quase exclusivo nos últimos tempos, pelo cinema nacional:

"-Minha formação cinematográfica deu-se quando eu estudava na França. Tanto assim que meu livro sobre Jean Vigo foi escrito lá. Creio que a mudança se deu a partir da explosão do cinema novo. Atualmente, meu trabalho na USP gira em torno do cinema brasileiro. É de estudo de sua história, um trabalho complicado, quase de arqueólogo, mas que me apaixona. Hoje, se tivesse de escolher entre assistir a Gritos e Sussurros, de Ingmar Bergman, por exemplo, ou a um filme brasileiro, escolheria o brasileiro, que me toca muito mais de perto." (Veja, 25/6/75).

Sua Visão do atual cinema brasileiro:

Sobre a censura:

"Não me importa que a censura proíba filmes estrangeiros. Se eu não puder ver "O último tango", paciência. Resta o consolo de pensar que é um de menos em nosso mercado abarrotado por produtos que sufocam nossas produções. Quando porém um filme brasileiro é impedido de encontrar seu destinatário, isso é muito grave. A natureza e o número de traumas que esse procedimento acarreta ultrapassam de muito os casos individuais e afetam a nossa cultura". (Folha, 5/3/73).

Sobre as comédias eróticas:

"—Filmes como Como era boa nossa empregada, por exemplo, refletem a exacerbação erótica do adolescente brasileiro com muita verdade.E, por outro lado, refletem uma imagem do país... com personagens que levam uma vida ideal, comendo muito bem, sem quaisquer problemas, nem mesmo de trânsito." (Veja, 25/6/75).

Sobre os "preconceitos" do público com o cinema nacional:

"—Isso ocorre apenas em certa parte e deriva simplesmente de uma colonização cultural pelo cinema estrangeiro. No fundo, o que choca essa gente é encontrar em nossos filmes um retrato do Brasil". (Veja, 25/6/75).

Sobre as musas do cinema

"—Nesse campo sou ao mesmo tempo retrógrado, de vez em quando não conformista e talvez um pouco vicioso. Permaneço fiel a Francesca Bertini e a Zazu Pitts, de Stroheim. Quanto às divas mais recentes, reajo como toda gente: acho muito atraente aquele jeito de anã de Brigitte Bardot. Jeanne Moreau já é um acontecimento mais alto". (Folha, 5/3/73).

O escritor

O brutal desaparecimento de Paulo Emílio Salles Gomes não apenas priva o Brasil de uma das mais extraordinárias e lúcidas figuras de nossa cultura, como também silencia irremediavelmente um grande escritor. A publicação, este ano, ainda, pela Editora "Perspectiva", de "Três Mulheres de Três PPPês", revelara espantosamente à crítica e aos leitores a existência, no grande mestre de Cinema, de um ficcionista da mais alta qualidade, de um novelista que, sem haver feito vestibularmente a longa escalada em busca da perfeição, irrompia nos arraiais literários com uma obra cuja fatura o colocava, de um só golpe, no mesmo nível em que se encontram Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

A qualidade desse livro realmente justifica tal afirmativa, tornando seu autor um nome de referência obrigatória no elenco dos grandes ficcionistas brasileiros de hoje. Desmistificador satírico de uma sociedade com a genial exposição de seus aleijões, o escritor adotara em seu livro de estréia, que agora, lamentavelmente, se torna único, a leveza de um "humour", de um sarcasmo em filigrana que vinha reatar a grande tradição iniciada por aqueles mestres, os quais não haviam tido propriamente continuadores em nossa prosa narrativa. Na perspectiva aberta por "Três Mulheres" era lícito prever fascinante prosseguimento em outros planos e em outros níveis da novelística. A inesperada interrupção da existência desse autor que tardia, mas definitivamente, se incorporara à literatura, põe fim dramaticamente às esperanças que justificadamente se alimentavam. Nesse curto volume de três contos o estilo revela um novelista nato.

O sabor da escrita nele denuncia a genuinidade da inspiração, e sua desenvoltura constitui uma admirável aula de bem escrever, de liberdade inventiva, de malícia caricatural, de erotismo adulto, de descontração estilística. Com esse livro, dizia eu na ocasião de seu aparecimento, PauloEmílioSalles Gomes transpõe com extrema elegância o celebrado abismo entre a inteligência e a imaginação. E isso, dizia-o, aludindo aos seus livros anteriores, à obra do sofisticadíssimo especialista em cinema, que já nos havia dado dois ensaios que constituem realmente datas na bibliografia cinematográfica.

O primeiro, "Jean Vigo", escrito em francês, constitui a mais completa exegese da obra do malogrado cineasta, do qual tantas e tão profundas afinidades humanas e artísticas aproximavam o crítico brasileiro. Escrito originalmente na língua que Paulo Emílio conhecia,dominava como a sua própria, traduzido para o inglês e editado numa das mais prestigiosas coletâneas de ensaios cinematográficos, o livro sobre Vigo representa sua contribuição para a história do cinema mundial. O jovem brasileiro que aportara a Paris na fabulosa década de 30, com a consciência extremamente aguçada e extremamente politizada, se embebera a tal ponto da ambiência francesa, a tal ponto com ela se identificada que se tornou capaz de transformar-se em mestre no território estrangeiro. Pertence assim "Jean Vigo" à fase que eu chamaria européia de Paulo Emílio, ao período de sua carreira em que as contingências da militância política o levaram a exilar-se e a adotar a França como sua segunda pátria.

O outro livro, escrito entre nós, constitui objeto simétrico do primeiro.

No tocante à alta qualidade, à seriedade da pesquisa, ao rigor da erudição, é o grande trabalho sobre Humberto Mauro, também editado pela "Perspectiva". Representa esse ensaio a contribuição mais elaborada de Salles Gomes à cultura cinematográfica brasileira e em sua obra tem o significado de um retorno às fontes, de uma adesão intelectual e afetiva às suas próprias raízes, ao horizonte natal. É um livro modelar sob todos os aspectos e sem exagero algum pode-se declarar que inicia nos estudos sobre o cinema nacional uma nova fase. É um livro que interessa, em suas largas implicações, à cultura brasileira no mais alto sentido.

Não se pode deixar de assinalar que entre os dois limites, entre a obra sobre o cineasta francês e o ensaio sobre o mestre brasileiro, se situa o grande interregno de descobertas e de revelações que significou em sua geração o grupo de "Clima".

Ao lado de Antônio Cândido, de Décio de Almeida Prado e de Lourival Gomes Machado, cujos nomes não podem deixar de ser lembrados neste momento, Paulo Emílio Salles Gomes representa uma linha de pensamento e de reflexão que, nos anos de 40 e em São Paulo, gerou em torno daquela revista um movimento de reavaliação e de compreensão da cultura nacional que só encontra antecedente de igual profundidade no movimento Modernista. É, aliás, do Modernismo que os rapazes da geração "Clima" diretamente descendem, e na sequência cronológica representam o momento não mais de lirismo e de descompromisso, de ludismo e de gratuidade, mas de reflexão e de pensamento, de descoberta e de pesquisa, o momento em que se formularam as premissas e as perspectivas da cultura brasileira de que até hoje nos nutrimos.

Esse passado, a importância que "Clima" e sua reformulação cultural detêm não foi obviamente ainda estudada como requer. No momento porém em que se voltarem os jovens para a interpretação de seu significado, verse-á que a figura de Paulo Emílio Salles Gomes, cedo, demasiado cedo desaparecida, desempenha um papel realmente diferenciado em nossa história cultural e política.

Em sua personalidade, riquíssima, onímoda, coabitavam um requintado intelectual e o espírito mais desconvencional, mais elegante, mais livre que se possa imaginar. Conhecedor como raros de literatura, o mais delicioso dos conversadores, modulando a ironia com uma imensa ternura tingida de melancolia e uma profunda compreensão dos homens, Paulo Emílio Salles Gomes foi, efetivamente, uma das mais altas e dignas figuras de intelectual que o Brasil já produziu. A inteireza e a incolumidade de seu caráter, a indesmentida fidelidade aos princípios, a rara dedicação na amizade, a genialidade com que comunicava o saber, o tornaram um mestre no sentido mais profundo, o do pensador que atingiu a sabedoria. Seu casamento com a romancista Lygia Fagundes Telles constituiu a união harmoniosa de dois seres de eleição. A ruptura dessa convivência é um golpe desmesuradamente doloroso que atinge sem discriminação a todos os que se aproximaram pessoalmente de Paulo Emílio Salles Gomes, e, mais amplamente, a todos os que lhe conhecem a grandeza e a obra. O que se sente é a dura crueza de uma amputação.

Nogueira Moutinho